

O VIÉS DA AUTOEFICÁCIA NA DECISÃO SOBRE FINANÇAS PESSOAIS¹

Lucélia Mara de Souza
Serralu.mara.serra@gmail.com

Pedro José Rebouças Filho
preboucas81@hotmail.com

José Alves Formiga
Jaformiga@uol.com.br

Sergio Feciciano Crispim
scrispim@uol.com.br

Palavras-chave: Autoeficácia. Racionalidade limitada. Erros cognitivos. Finanças pessoais.

1. INTRODUÇÃO

Percebe-se, notadamente, um interesse maior pelos estudos comportamentais em torno das decisões sobre finanças pessoais. A condição humana ganha espaço como fator de explicação da racionalidade limitada comportamental em torno da tomada de decisão relacionado as finanças (COLADELI; DE BEDEDICTO; LANES, 2013).

O advento das ciências comportamentais, mais especificamente a economia comportamental e as finanças comportamentais, revelou que os operadores apresentam uma racionalidade limitada sobre a tomada de decisão sob risco em termos de investimentos financeiros pessoais, diferentemente do que prega a teoria econômica neoclássica a partir da Teoria da Utilidade Esperada (TUE) e das Hipóteses dos Mercados Eficientes (HME) empregada nos estudos sobre finanças mais direcionados a tomada de decisão sob risco.

Dado que a teoria econômica não estava sendo suficiente para explicar os fenômenos econômicos em torno da tomada de decisão sob risco, foram adicionadas variáveis de natureza comportamental, tais como: autoconfiança, medo, aversão a perdas, entre outras. As contribuições da Psicologia Cognitiva Comportamental, desde Simon (1957), Bandura (1977), até Kahneman e Tversky (1979) possibilitaram conhecer melhor o processo de decisão a partir da racionalidade limitada dos agentes econômicos (WALLAUER, A. Q; LUNA, 2010).

¹ Trabalho apresentado no Eixo 2 - Gestão organizacional do ENGECE, realizado de 25 a 27 de outubro de 2021.

Polydoro, Azzi e Vieira, (2010) destacam as contribuições teóricas de Albert Bandura em relação aos estudos sobre a construção e validação da escala de auto eficácia: A auto eficácia é, segundo Bandura (1977), “um quadro de referência teórico integrador que permitisse explicar e prever os procedimentos psicológicos, evidenciando que estes, independentemente da forma que possam assumir, alteram o nível e a força da auto eficácia” (POLYDORO; AZZI; VIEIRA, 2010).

1.1. Pergunta Problema e Objetivos

Qual é a influência do viés de autoeficácia sobre os processos decisórios em termos de investimentos financeiros pessoais?

O objetivo específico dessa pesquisa é identificar como o viés de autoeficácia influencia no processo decisório em termos de investimentos financeiros pessoais.

1.2. Justificativa

Justifica-se pela reafirmação da tese de racionalidade limitada proposta por Hebert Simom, em detrimento aos pressupostos da teoria econômica neoclássica em relação ao processo de tomada de decisão sob risco em investimentos em termos de finanças pessoais.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é baseada em um estudo descritivo e quantitativo. Participaram da pesquisa de campo alunos e ex-alunos de cursos de Economia e Administração, que atuam no mercado financeiro, oriundos de instituições públicas e privadas do Ceará. Os questionários foram enviados de forma online durante o mês de março de 2020 e, ao final, chegou-se a uma amostra de 44 respondentes.

Para o levantamento de dados em relação à crença de autoeficácia dos profissionais, optou-se pela aplicação de uma adaptação do questionário utilizado no artigo “Finanças Comportamentais: Um estudo sobre a influência do viés de autoeficácia nos processos decisórios financeiros de micro e pequenos empresários goianienses” de autoria de Piffer e Pimenta (2013), publicado na revista Conjuntura Econômica Goiana, número 25. Tal questionário é composto por 9 questões com quatro opções de resposta: 1) de modo nenhum é verdade; 2) dificilmente é verdade; 3) moderadamente verdade e 4) exatamente verdade

como está descrito no artigo. Quanto às respostas, entende-se que a resposta 1 indica crença muito baixa de autoeficácia, 2 indica baixa crença de autoeficácia, 3 indica alta crença de autoeficácia, e 4 indica crença muito alta de autoeficácia (PIFFER e PIMENTA, 2013).

Para a tabulação dos dados utilizou-se o software SPSS, versão 20. Quanto às variáveis categóricas, estas foram apresentadas em frequência e taxa de prevalência. O teste de Mann-Whitney foi utilizado para comparar os resultados financeiros entre os sexos. A correlação de Spearman foi calculada para a verificação de interação entre os resultados financeiros e os escores das respostas das perguntas do questionário. A análise dos dados foi realizada utilizando um modelo de regressão linear MQO (Mínimos Quadrados Ordinários) (PIFFER; PIMENTA, 2013).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As variáveis “Idade” e a pergunta “Consigo tomar decisões corretas quanto à compra e venda de ativos financeiros” foram incluídas em um modelo de regressão de mínimos quadrados devido à sua significância.

O coeficiente de determinação do modelo foi de 0,246 que representa um baixo nível de ajuste do modelo a um nível de 5% de significância. O Teste de Durbin–Watson teve valor de $p = 0,102$, mostrando ausência de autocorrelação nos erros do modelo de regressão, e na análise de colinearidade o valor máximo de VIF foi de 1,05, mostrando a não existência de colinearidade.

Na análise das características dos participantes foi utilizado o teste U de Mann-Whitney, verificada a não aderência dos dados à distribuição gaussiana. O coeficiente de correlação de Spearman foi calculado para verificar a interação entre as variáveis e resultado financeiro. Por fim, foi ajustado um modelo de regressão linear para o desfecho. Em relação à idade, identificou-se que quanto mais jovem mais propenso ao risco assim melhor seria a rentabilidade dos investimentos e, quanto à pergunta “Consigo tomar decisões corretas quanto à compra e venda de ativos financeiros” observou-se que quem comprou melhor ganhou mais, neste caso tomar decisões corretas quanto à compra e venda impactou de forma positiva nos ganhos. Quanto aos resultados financeiros dos investimentos no último ano, 63% afirmaram que tiveram um bom ganho no último ano, uma alta crença de autoeficácia para atuar e tomar decisões no mercado financeiro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação da crença da autoeficácia no processo de tomada de decisão sobre finanças pessoais evidenciou um dinamismo da relação entre investidor e mercado que deve ser constantemente reavaliado.

Outro ponto a ser destacado é que, assim como os artigos que foram revidados como base para este trabalho, os R^2 coincidentemente foram baixos, demonstrando pouco ajustamento do modelo e sugerindo a reflexão de que o MQO talvez não seja o melhor método para exploração de problemas desta natureza e que poderiam ser experimentados outros métodos em futuros artigos.

REFERÊNCIAS

- BANDURA, A. Autoeficácia. uma teoria unificada de mudança comportamental. **Psychological Review**. p.191–215. 1977.
- COLADELI, V.A.C.; DE BEDEDICTO, S. C.; LANES, E. R. **Educação Financeira x Comportamento do Consumidor no Mercado de Bens e Serviços**. XX Congresso Brasileiro de Custos – Uberlândia, MG, Brasil. **Anais...**2013
- KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Prospect Theory: An Analysis of Decision Under Risk. **Econometrica**, v. 47, n. 2, p. 263–291, 1979.
- PIFFER, A. R; PIMENTA, D. P. Finanças comportamentais: um estudo sobre a influência do viés autoeficiência nos processos decisórios financeiros de micro e pequenos empresários goianienses. **Conjuntura Econômica Goiana**, p. 78–89, 2013.
- POLYDORO, S A J; AZZI, R G; VIEIRA, D. Orientações de construção e aplicações de escalas na avaliação de crenças de autoeficácia. In: **Perspectivas em avaliação psicológica**. [s.l.] Casa do Psicólogo., 2010. p. (pp.189-210).
- SIMON, H. A Behavioral Model of Rational Choice. In: **Models of Man, Social and Rational: Mathematical Essays on Rational Human Behavior in a Social Setting**. New York: Wiley: 1957. p. 241-260.
- WALLAUER, A. Q; LUNA, I. N. C. F. R. Crença de autoeficácia em processos decisórios no mercado de investimentos. **Estratégia & Negócios**, v. 3, n. 2, 2010.